



RESENHA

hooks, bell, 1952. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra.** Tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019. 380p.

Amanda Gomes Pereira

Doutora em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestre em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Bacharel em Ciências Sociais com habilitação em Antropologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Atualmente, atua como Professora Adjunta de Sociologia no Curso de Ciências Humanas, Campus São Bernardo, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Coordenadora do Grupo de Estudos de Gênero e Educação Chita / Gitã.

E-mail: ag.pereira@ufma.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7174-3843>

Maria Eduarda Ferreira Tito

Licencianda em Ciências Humanas/ Sociologia, Centro de Ciências de São Bernardo, Universidade Federal do Maranhão.

Email: maria.eft@discente.ufma.br

ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-5724-4466>

bell hooks: um pensar sobre “erguer a voz”

Tomando como ponto de partida sua história e experiência pessoal, bell hooks¹ relata no livro sua trajetória até o momento em que se percebeu como narradora de sua própria vida, não deixando que os outros determinassem sua fala. Por ter nascido em uma família

¹ Utilizamos a citação com o sobrenome em letras minúsculas por se tratar de uma homenagem à bisavó de bell hooks, de quem ela adotou o pseudônimo, e por isso prefere utilizá-lo com minúsculas. Em razão dessa homenagem, decidimos manter o pseudônimo nesse mesmo formato.

composta por “mulheres barulhentas” (mas que ainda tinham receio de levantar a voz), observando esse mundo, no meio dessas vozes intensas ela queria que sua voz ecoasse para muito além de dentro de casa. Por meio desse desejo idealizou a sua escrita. Foi nesse mundo, mesmo estando inserida em um contexto cujo ato de falar requeria cautela, pois ter uma opinião e colocá-la para fora acarretaria punições, que bell hooks ansiou pelo seu direito de fala. Nesse cenário, e por causa dele, bell hooks incorporou a escrita como um gesto político, no qual encontraria satisfação por erguer a sua voz contra políticas de dominação que pretendem nos conservar em silêncio. Isso porque a fala é um ato de coragem, representando uma ameaça para aqueles que pretendem manter a todas e todos mudos. Dessa forma, o ato de escrever foi “[...] uma maneira de capturar, agarrar a fala e mantê-la por perto” (hooks, 2019, p. 31), uma forma corajosa de força e resistência contra o poder opressivo que persiste na sociedade.

Fazer a transição do silêncio à fala é, para o oprimido, o colonizado, o explorado, e para aqueles que se levantam e lutam lado a lado, um gesto de desafio que cura, que possibilita uma vida nova e um novo crescimento. Esse ato de fala, de ‘erguer a voz’, não é um mero gesto de palavras vazias: é uma expressão de nossa transição de objeto para sujeito – a voz liberta (hooks, 2019, p. 36).

Nesse sentido, a expressão “talking back” é um termo utilizado por bell hooks que significa o ato de responder a uma figura de autoridade e demonstra a intenção que a autora busca deixar evidente em sua obra, a de “[...] desnaturalizar regimes de verdade e posições de poder” (hooks, 2019, p. 12) que se põem visíveis. Assim, além das questões feministas e raciais, identidade e representação destacam-se como problematizações que envolvem essas temáticas. Desse modo, a partir de sua escrita, a autora desenvolve e realiza, em linhas gerais, um processo de autorrecuperação, bem como afirmou Mariléia Almeida no prefácio, de que no texto de bell hooks percebe-se “[...] parresiástica, que exprime uma coragem da verdade” (hooks, 2019, p. 13), uma prática de exercício que exprime uma ética do cuidado de si², isto é, um conjunto de práticas realizadas em relação a si próprio, em que o ato de se tornar sujeito é uma maneira que se encontra interiormente ligada a esse processo. Segundo a autora, tal processo se caracteriza em “[...] quando trabalhamos para reunir os fragmentos do ser, para recuperar nossa história” (hooks, 2019, p. 72), ou seja, uma construção do “eu”, ancorada nas próprias existências, não sendo assim moldada pela dominação e pela opressão, uma vez que nascer mulher e negra, no

² Michel Foucault, em sua obra *A hermenêutica do sujeito*, trata da *epiméleia heautoû*, que significa o cuidado de si mesmo, a prática, o exercício e a atividade de ocupar-se e preocupar-se consigo.

sul dos Estados Unidos em 1952, era difícil, pois falar o que se pensava naquela época era considerado um ato inconveniente, sendo necessário oprimir qualquer ideia, fala ou opinião, pois tanto no espaço público, como no privado, há a violência da segregação racial e patriarcal, respectivamente.

Apesar de ter crescido em um ambiente rodeada por “mulheres negras barulhentas”, bell hooks foi percebendo ao longo da sua vida que elas eram silenciadas devido aos contextos sociais. Com ela, porém, iria ser diferente, pois naquele mundo de silenciamento das mulheres negras, e por causa dele, o direito e o privilégio à voz não seriam negados, e foi através desse mundo que ela alcançou a escrita, foi por causa dele que, a partir do escrever, ela encontrou uma forma de expressão.

Assim, bell hooks tenta chamar a nossa atenção para a importância da fala, elemento no qual se denunciam as opressões. Ela sugere em sua escrita uma coragem da verdade, mas essa coragem não deve estar somente apontando na maneira de denunciar o outro, mas além disso, avaliar a forma como estamos reproduzindo aquilo. Nesse sentido, a coragem da verdade seria não ter medo de se posicionar, mesmo colocando em conta um risco, pois seria uma forma de rebelião contra a autoridade dominante.

Seguindo a linha de sua experiência pessoal, por meio de uma frase da Angela Davis “Quando eu era uma jovem soldada da revolução”, encontrando a voz, a autora se sentiu profundamente tocada para fazer da poesia – gênero com o qual ela teve contato desde jovem – mais um tipo de alicerce para encarar o compromisso da luta, contribuindo para que sua escrita fosse lida e sua voz ouvida. Desse modo, a poesia entra na vida de bell hooks como uma abertura para o desejo e a realização de se tornar escritora.

Para mim, a poesia era o lugar da voz secreta, de tudo o que não podia ser diretamente afirmado ou nomeado, de tudo que não se poderia deixar de expressar. Poesia era o discurso privilegiado – simples, às vezes, mas nunca ordinário. A mágica da poesia era a transformação, palavras mudando de formato, significado e forma. Poesia não era um mero registro da maneira como nós, pessoas negras do sul, falávamos umas com as outras, mesmo que nossa linguagem fosse poética. Era um discurso transcendente. Era feita para transformar a consciência, levar nossa mente e nosso coração para uma nova dimensão. Foram esses os meus pensamentos primitivos sobre poesia, como eu a experimentava e via à medida que crescia (hooks, 2019, p. 39).

Dessa maneira, como uma forma de expressão, a escrita da poesia relacionada com a voz se fundia e incorporou, assim, uma forte expressão que se caracteriza por meio de uma voz que busca ser muito mais que ouvida. Nessa etapa de sua vida, bell hooks buscava encontrar

uma voz que passasse o que desejava transmitir, uma voz que representasse seu eu, que simbolizasse sua resistência. A partir disso, segue-se o engajamento feminista em prol da busca pela voz. Em se tratando de mulheres pertencentes a grupos reprimidos, encontrar uma voz que as liberte do medo de falar é mais que corajoso, é um ato de resistência.

Em um mundo em que a dominação é instituída de forma que ofusca a nossa visão, a influência e a noção de superioridade exercem poder na sociedade, constituindo uma realidade que atinge muitos grupos, em especial as mulheres, e essa dominação velada instaura-se desde os primórdios. Deixando claro que a dominação não é exercida somente na relação entre homem e mulher, pois ela se dá em diferentes ambientes e de diferentes formas. Dentre as formas de dominação, o machismo é uma das mais opressoras, pois “[...] molda e determina diretamente relações de poder em nossas vidas privadas, em espaços sociais familiares, no contexto mais íntimo (casa) e nas esferas mais íntimas de relações (família)” (hooks, 2019, p. 56). Logo, o poder opressivo se institui impondo força sobre o mais “fraco”, que luta para sobreviver.

É preciso lembrar, enquanto pensamos criticamente sobre dominação, que nós todos temos a capacidade de agir de maneiras que oprimem, dominam, machucam (seja esse poder institucionalizado ou não). É preciso lembrar que, primeiro, precisamos enfrentar o opressor em potencial dentro de nós – precisamos resgatar a vítima em potencial dentro de nós (hooks, 2019, p 56).

Sendo assim, é preciso enfrentar o opressor/explorador que existe em nós para chegarmos a pensar em liberdade, sendo o feminismo caracterizado como uma luta de libertação dessas amarras da dominação nesse movimento de erradicação. Enquanto a dominação patriarcal existir, as outras formas de opressão não serão facilmente apagadas, uma vez que ela norteia essas outras formas.

É a partir da linguagem que o oprimido está no caminho de descobrir o seu eu, encontrar a sua voz, é onde a autorrecuperação acontece; é por meio da linguagem que o oprimido pode se recuperar. O caminho para encontrar a linguagem própria é difícil e doloroso, porque o oprimido, depois de viver por tanto tempo silenciado, não sabe por onde começar a buscar forças interiores que o impulsionem a falar. O medo o aterroriza. Dessa maneira, “[...] o oprimido luta na linguagem para recuperar a si mesmo – para reescrever, reconciliar, renovar. Nossas palavras não são sem sentido. Elas são uma ação – uma resistência. A linguagem é também um lugar de luta” (hooks, 2019, p. 68). É por meio disso que o processo de autorrecuperação emerge, quando encontramos dentro de nós a voz libertadora, quando

passamos de objetos para sujeitos, integrando assim um novo ser, que até o momento se encontrava preso nas amarras da opressão. Alcançar essa voz e, conseqüentemente, tornar-se sujeito seria o caminho para experimentar o reencontro consigo mesma.

Quando a autora trata sobre “Estudos feministas: questões éticas”, aborda a questão de um determinado grupo se “apropriar” de uma fala para se referir e escrever sobre uma minoria como, por exemplo, livros de homens brancos escrevendo sobre mulheres negras. Nessa perspectiva, a relação opressor/oprimido se dá de modo a colocar a questão sujeito e objeto caracterizando-se como: aqueles que dominam – os possuidores da verdade – e aqueles que são dominados – os que não possuem capacidade de fala.

Como sujeitos, as pessoas têm o direito de definir sua própria realidade, estabelecer suas próprias identidades, nomear sua história. Como objetos, a sua realidade é definida por outros, a sua identidade é criada por outros, sua história somente é nomeada de maneiras que definem sua relação com aqueles que são sujeitos (hooks, 2019, p. 92-93).

Toda luta libertadora só começa quando aqueles que são vistos e reconhecidos como objetos passam a determinar sua história por meio de um processo revolucionário libertador que afirma o grupo dominado como sujeito. “Pessoas oprimidas resistem identificando-se como sujeitos, definindo sua realidade, configurando sua nova identidade, nomeando sua história, contando sua história” (hooks, 2019, p. 93).

A noção de “autoridade” é uma das ideias criticadas por bell hooks devido ao fato de ela estar relacionada aos que escrevem sobre o grupo oprimido, ou seja, os homens brancos, “as autoridades poderosas”, tornando-se assim o grupo a ser consultado para a compreensão dos grupos que não possuem poder. E bell hooks aponta para o cuidado que se deve ter ao falar de grupos aos quais o autor não pertence: “[...] quando escrevemos sobre experiências de grupos aos quais não pertencemos, devemos pensar sobre a ética de nossas ações, considerando se nosso trabalho será usado ou não para reforçar e perpetuar a dominação” (hooks, 2019, p. 94). Porque o fato aqui não é o de escrever sobre grupos dos quais o autor não pertence, mas sim que essa atitude muitas vezes acaba colocando o seu grupo como privilegiado e o outro como sendo apenas o “outro”.

[...] o que é negativo sobre essa situação não é o historiador branco escrever sobre a experiência de mexicanos e outros latino-americanos nos Estados Unidos, mas a atitude em relação à escrita. Pesquisadores que escrevem sobre grupos étnicos aos

quais não pertencem raramente discutem nas introduções de seus trabalhos as questões éticas de seu privilégio de raça, ou o que os motiva, ou por que sentem que sua perspectiva é importante (hooks, 2019, p. 95-96).

A atitude na hora da escrita é o que bell hooks critica, isso porque é o outro que está, de alguma forma, exercendo certo “direito” de falar sobre um grupo que acaba sendo visto como composto por quem não consegue escrever sobre si mesmo. Entretanto, quem poderia escrever melhor sobre si mesmo que os próprios? Quem poderia falar sobre suas histórias e sobre o que passam, se não as próprias pessoas negras?

Diante disso, a autora deixa claro desde as primeiras linhas a necessidade da fala, o quanto esse “simples” ato pode ser revolucionário à medida que se opõe à opressão e à dominação, no qual ela demonstra como se deu o processo de encontrar a sua voz, de se libertar das amarras da opressão, do medo de erguer a voz. E esse processo só ocorre a partir de experiências que, ao serem experimentadas, se dão de forma libertadora e poderosa, contribuindo para uma autodescoberta de si próprio. A dominação/opressão atinge o indivíduo oprimido de tal maneira que provoca nele um medo capaz de fazer do silêncio a única forma a ser adotada em quase todas as situações, e isso só distancia ainda mais o sujeito do seu processo de libertação. A partir do momento que um sujeito abandona esse medo, quebra o silêncio, ele participa de um processo de autodescoberta, descoberta de si mesmo e do mundo ao seu redor.

REFERÊNCIAS

hooks, bell, 1952. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. Tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019. 380p.